

**O VICE-PRESIDENTE ALKMIN:  
UM FALSO “TURCO” NA GENEALOGIA MINEIRA**

*Paulo Valadares* \*

**Resumo:** O político mineiro José Maria Alkmin (1906-1974), apesar de pertencer a uma velha família luso-brasileira, sempre passou-se por árabe. Isto lhe deu “prestígio” no mundo econômico. Este artigo restabelece a sua verdadeira origem, que é de latifundiários sertanejos.

**Abstract:** José Maria Alkmin (1906-1974), a politician from Minas Gerais, always made believe he was of arabic origin, in spite of belonging to a very old portuguese-brazilian family. This assumption gave him “prestige” in the financial world. This article re-establishes the true origin of this family of landowners and planters in the hinterland.

Eram três amigos mineiros, Juscelino Kubitschek, José Maria Alkmin e Odilon Behrens, que fizeram um pacto de morte. No caixão do que morresse primeiro, os dois sobreviventes colocariam quinhentos mil réis cada um. Tempos depois morreu Behrens, apareceram Juscelino e Alkmin. JK tem um problema: “Só tenho cheque”. O “turco” Alkmin sossegou o amigo: “Não se preocupe, antes de você chegar, eu botei o dinheiro por nós dois”. Juscelino agradeceu e deu um cheque para ele. Depois ficou sabendo como Alkmin teria se virado. “Eu não coloquei dinheiro no caixão. Fiz um cheque. Se ele precisar que desconte...” Assim como esta história há uma grande quantidade de anedotas onde o político mineiro José Maria Alkmin é a personagem central, interpretando uma personagem única, o levantino arguto, aquele cuja esperteza em assuntos financeiros leva sempre uma vantagem sobre os demais.

### **Negociando a identidade**

O turco, no imaginário popular brasileiro, pode ser árabe ou um judeu. Isto basta para lhe imputar uma fieira de defeitos. Ele esteve envolvido na morte

---

\* Mestre em História Social com a dissertação “A presença oculta. Genealogia, identidade e cultura cristã-nova brasileira nos séculos XIX e XX” (USP).

da divindade cristã, no assassinato de crianças, é avarento, sifilítico, dentre tantas acusações absurdas e infundadas<sup>1</sup>. Ter aparência ou carregar um nome definido como levantino já é o suficiente para ser perseguido ou nas melhor das hipóteses, colocado de lado. Jean Charles de Menezes, o mineiro assassinado em julho de 2005 pela polícia inglesa, foi por ter aparência “asiática” (eufemismo britânico de fenótipo paquistanês). É o que a polícia ocidental classifica como seleção por “racial profile”. Contrapondo a estes defeitos reconhece-se algumas qualidades neste grupo étnico: ele sabe ganhar dinheiro ou fazer negócios (nem sempre lícitos). A sua capacidade de poupança é vista como sovínice, mas que pode ser aproveitada na administração de recursos públicos. A realeza portuguesa até o século XV teve o seu “judeu” como tesoureiro. Alguns cristãos-novos deram origem a dinastias de cobradores de impostos<sup>2</sup>. Muitos anos depois o sertanejo José Maria Alkmin encontrou neste passado histórico luso-brasileiro uma inspiração para construir a sua “*dramatis persona*” na política brasileira.

Nome parecido ao de árabe e com estas histórias o acompanhando, José Maria Alkmin deixou de ser um político mineiro, para ser um “*turco*” na política brasileira. O mesmo recurso que o escritor carioca Júlio César Mello e Sousa (1895-1974) também usou, através do heterônimo árabe Malba Tahan, criado para ser respeitado no mundo da matemática. A personagem de Alkmin tornou-se tão verdadeira que os melhores dicionários biográficos registraram-no como tendo esta origem: “*seu pai, descendente de um imigrante árabe*”<sup>3</sup> e “*descendente de árabes por parte de pai*”<sup>4</sup>. Ele também não desmentia esta pretensa origem e até alimentava a lenda um pouco mais. Nada mais falso, pois ele fazia parte das famílias históricas, tanto pelo costado materno como pelo paterno. Entendendo “família histórica” como o sociólogo Ricardo Costa de Oliveira a definiu: “*um grande complexo de unidades de parentesco com eixos históricos e políticos de longa duração em uma determinada região. Geralmente as famílias históricas têm uma gênese fundiária a partir de bens de raiz fundamentadas na posse de terras com sesmarias coloniais. Possuem a sua evolução mais ou menos conhecida. Vários dos seus membros, em cada geração, ocuparam posições econômi-*

---

<sup>1</sup> Para quem estiver interessado neste preconceito específico, leia: NUNES, Heliane Prudente. *A imigração árabe em Goiás, 1880-1970*, Tese de doutoramento em História Social, FFLCH-USP, 1996.

<sup>2</sup> OMEGNA, Nelson. *Diabolização dos judeus. Martírio e presença dos sefardins no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Record, 1969, pp. 110-121.

<sup>3</sup> *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós-1930*, coordenação de Alzira Alves de Abreu, Edição revisada e atualizada. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; CPDOC, 2001, vol. 1, p.115.

<sup>4</sup> WEHRS, Carlos, “*Nossos vice-presidentes: 1891-1990*”, RIHGB, RJ, 163 (417), outubro/dezembro de 2002, p. 101.

*cas, sociais, culturais e políticas destaque no plano regional e eventualmente nacional.”*<sup>5</sup>

### **Turcos e aristocratas em Minas Gerais**

Os árabes, imigrantes da Síria e Líbano, conhecidos como turcos por terem entrado no país com este passaporte, já que a sua região estava sob o domínio do Império Otomano, só vão fazer parte da paisagem brasileira no final do século XIX e começo do XX. E mesmo se houvesse um turco alongado naquela região ele não se aproximaria de uma moça considerada de qualidade. Os pruridos de linhagem eram mantidos nas velhas famílias de origem portuguesa acostumadas a separação entre cristãos-novos e velhos. Havia uma hierarquia que separava brancos e negros, brancos e mestiços, brancos e brancos, durante a seleção matrimonial. Um imigrante estrangeiro, ainda mais um “turco”, herdeiro de uma imagem coletiva tão negativa, poucas chances teria de se aproximar de uma destas mulheres. Raros conseguiram romper a barreira étnica durante este período. Na genealogia mineira o caso mais conhecido é de um Latif que se casou com uma Monteiro de Barros<sup>6</sup>. Exceção que confirma a regra, pois o padrão é “*lé com lé, cré com cré*”. A linha era clara e quem a transpusesse corria risco de morte ou castração. Uma tia ou prima materna de Alkmin, Amélia Senhorinha Caldeira Brant (Datas, 1830 - Belo Horizonte, 1914), reagiu assim com o filho, que pensou em casar-se fora do liame familiar:

*“D. Amélia prendeu seu filho Augusto [avô do deputado e escritor Edgard da Matta Machado] na Chácara dos Coqueiros no dia em que deveria ajustar casamento com gentil moça de conceituada família diamantinense. Armou os escravos e, sob seu comando, os espalhou pela quinta com ordens de atirar em possíveis agressores e até no próprio filho, se ele procurasse fugir para cumprir o ajuste. “Não, seu filho não se casaria com a neta daquela mucama, que ela conhecera indo ao corte comprar carne”*<sup>7</sup>

Muito próxima desta época, no mesmo sertão mineiro, o antropólogo Darcy Ribeiro (1922-1997), nascido e criado numa destas velhas famílias em

---

<sup>5</sup> OLIVEIRA, Ricardo Costa de. *O silêncio dos vencedores. Genealogia, Classe dominante e Estado no Paraná*. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001, p. 15.

<sup>6</sup> O engenheiro Miran Latif C.c. Emiliana Monteiro de Barros, fª de Júlio César de Miranda Monteiro de Barros e Emiliana de Souza Bréves, c.g. V. “*Titulares do Império – (de Paraopeba), Barão*”. In: MOYA, Salvador de (org.). *Anuário Genealógico Brasileiro*, S. Paulo: Publicações do Instituto Genealógico Brasileiro, vol. VIII, 1946, p. 30.

<sup>7</sup> Disponível em [www.nggenealogia.com.br](http://www.nggenealogia.com.br) - *NossaGente. Genealogia mineira, brasileira e de seus antepassados*. Acesso em 21 de agosto de 2005.

Montes Claros, relembrou a xenofobia local e as interdições sociais com os “turcos”:

*“Não havia estrangeiros na cidade. Os primeiros foram uns turcos que devagarinho foram tomando conta do comércio. Lojas de uma porta, duas portas, até quatro portas. Seriam judeus, mas esta palavra em Montes Claros significaria matadores de Cristo, bons para serem apedrejados. Ninguém lá conhecia nenhum, só turcos. Vovó Mariazinha me advertia muito para não brincar com os filhos deles, nem olhar para as moças bonitas que trouxeram, dizendo: “Cuidado! São bois de cu branco”<sup>8</sup>.*

### Um costado tão mineiro

Revelar a genealogia de Alkmin desconstrói totalmente a lenda criada ou alimentada por ele. Basta examinar atentamente o seu costado apenas com os ancestrais já identificados. Ei-los em forma Sosa, para uma melhor compreensão da afirmativa. Para encontrar os ancestrais na notação Sosa-Stradonitz, basta multiplicar ou dividir por dois. Por exemplo: o quatro é filho do 8 e 9, o 18 do 36 e 37... assim por diante.

#### I

1. **José Maria Alkmim** (Bocaiúva, 1906- Belo Horizonte, 1974). Ele casou-se também no círculo do poder: sua esposa chamou-se Maria das Dores Kubitschek da Fonseca, prima do presidente Juscelino. Tiveram quatro filhos. Leonardo, um deles, casou-se com Teresa Chateaubriand Bandeira de Melo, a filha do poderoso empresário de comunicações, Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, este, nascido na elite paraibana<sup>9</sup>.

#### Pais:

2. **Herculano Augusto de Alkmim**, pequeno negociante de gado.
3. **Sérgia Caldeira Brant**, doceira.

#### Avós:

4. **Gonçalo Cristóvão de Alkmim** (o 2º), grande proprietário rural, Guarda-mór das Minas de Dentro, faleceu em 1870.
5. **Teresa Agostinha Gonçalves de Seixas**, originária de Diamantina, ao que tudo indica, dos mesmos Seixas da musa inconfidente Marília de Dirceu, Maria Dorotéia Joaquina de Seixas (1767-1853), descendentes do sargento-mór

<sup>8</sup> RIBEIRO, Darcy. *Confissões*, S. Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 26.

<sup>9</sup> Para uma biografia de José Maria Alkmin leia: BADARÓ, Murilo. *José Maria Alkmin; uma biografia*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

Francisco de Seixas da Fonseca, natural do Rio Bom, bispado de Lamego, Portugal<sup>10</sup>.

6. **Izidro Caldeira Brant**, também de Diamantina. Descende do português Ambrósio Caldeira Brant, que no começo do séc. XVIII veio a Minas para intervir na guerra dos Emboabas. O seu filho, Felisberto Caldeira Brant, é o conhecido contratador de diamantes que caiu em desgraça fiscal. A família desde a década de sessenta passada move no Tribunal de Haia um processo contra Portugal para reaver trinta toneladas de ouro. Há um versinho que brinca com os arroubos da família: “*Quando algum Caldeira ficar doido / escusado é dizer: doido ficou: / Por que sendo os Caldeiras todos doidos, / o que basta dizer é : piorou*”. Dentre as notabilidades do clã se conta o advogado Heráclito Fontoura Sobral Pinto, o médico Ivo Pitanguy, dentre tantas que ele produziu.

#### Bisavós:

8. **Gonçalo Cristóvão de Alkmin**, negociante de terras. Morreu numa caçada. Suponho que descendente de Thomás da Costa Ferreira, Fidalgo da Casa Real, que adotou no Brasil como sobrenome o nome da propriedade familiar: Morgado de Alquimi ou Alcami, em Viana, Portugal. Ele veio para Santos com os irmãos João e António e dali seguiu para o sertão mineiro, como genro de Estevão Raposo Bocarro, estabelecido com “*grossas fazendas de gados vaccuns, e (foi) um dos mais potentados daquele sertão*”<sup>11</sup>, pertencente a uma família de bandeirantes, vinda dos Lemes. Não há acordo sobre o que significa Alkmin. O mais razoável é que seja um termo ligado a “alquimia”. O embaixador egípcio, no tempo de Vargas, dizia que era “ouro alquímico” ou pior “ouro falso”. O engenheiro paulista José Geraldo Rodrigues de Alkmin tem uma tese mais arriscada. Os Alkmin seriam cristãos-novos e o sobrenome nada menos que uma mensagem críptica. Ele afirmou a mim em carta pessoal. “*Começo a numerar as letras do sobrenome Alckmin (grafia usada pelo ramo paulista), e percebo a seguinte ordem: 1-12-3-11-13-9-14. Reparo que existe uma certa ordem 1-3-9 e 11-12-13 e 14. Esses números formam uma progressão geométrica e uma progressão aritmética. E percebo mais, é possível fazer uma matriz...*”. Resumindo o sobrenome seria uma mensagem escatológica ou apocalíptica adotado por sua linhagem. Porém a realidade é mais prosaica, Alkmin é a etiqueta na mala do imigrante que lembra a sua antiga casa, o nome da propriedade rural minhota, que ficou para trás.
9. **Leonor** (prima do marido Cristóvão).....

<sup>10</sup> V. ttº “Seixas”, em TRINDADE, cônego Raymundo. *Velhos troncos ouropretanos*. S. Paulo: Revista dos Tribunais, 1951, pp. 183-189.

<sup>11</sup> NPHG, III, p. 89.

**Trisavós:**

18. **Bento Belchior Amorim Cerqueira**, grande latifundiário, produtor de caça e criador de gado. Quando morreu tinha 120 escravos. Deixou isto tudo para a sua esposa Maria Sophia dirigir.

19. **Maria Sophia** (prima e esposa do anterior).....

**Tetravós:**

36. **Miguel de Amorim Pereira**, grande latifundiário e criador de gado.

38. **Manuel de Amorim Pereira**, irmão do anterior.

**Conclusão**

José Maria Alkmin que não possuía ancestrais próximos entre árabes ou judeus, aproveitou tênues elementos culturais de sua família, semelhantes aos atribuídos aos semitas, para tornar-se um “turco”: a profissão paterna, sua pretensa esperteza nas negociações e principalmente o sobrenome luso-árabe Alkmin usado pelos minhotos Costa Ferreira no Brasil. Graças a isto o seu currículo seguiu o estereótipo levantino, dois de seus cargos mais importantes foram na área econômica. Ele foi presidente do Banco do Brasil (BB) e Ministro da Fazenda por dois anos no Governo Kubitschek. O ápice de sua carreira política foi a vice-presidência da república no consulado militar do Marechal Castelo Branco, na década de sessenta. Confundido com um “turco” ele aproveitou os aspectos positivos do estereótipo étnico para construir a sua figura pública. Este estereótipo positivo chegou até os nossos dias. Um dos seus sucessores no BB, Cássio Casseb Lima, abandonou o sobrenome lusitano e para ser mais bem entendido pelos subordinados, andou mostrando a fotografia do “avô turco” para os funcionários se convencerem de sua austeridade no trato da economia<sup>12</sup>. Mesmo tendo consciência que os preconceitos são derrubados pela convivência entre os diferentes grupos étnicos, pela mestiçagem entre eles e pela legislação nacional, ainda sobrevivem alguns deles, mesmo que apareçam em forma aparentemente positiva, como no caso da boa administração econômica dos “turcos”, que é apenas a outra face da crença na sua sovinnice.

<sup>12</sup> “(...) Cássio Casseb Lima, 52 anos, procurou pessoalmente um a um, cada executivo do banco. Nas mãos, levava uma folha de papel e uma orientação. No papel, estava impressa uma foto de seu avô, nascido na Turquia, e citado freqüentemente pelo presidente do BB como um modelo a ser seguido pelos executivos no momento em que forem tomar decisões. Junto com a foto, um recado: olhem para esse homem e se lembrem dele sempre que o assunto representar um aumento de gastos para a instituição (...)”. DOCA, Geralda, “Cássio Casseb: presidente do BB é um executivo austero, mas excêntrico”, *O Globo*, 30-03-2003, sem indicação de página.